

## DIGRESSÃO E RELEVÂNCIA CONVERSACIONAL<sup>1</sup>

INGEDORE GRUNFELD VILLAÇA KOCH  
(UNICAMP)

**ABSTRACT** In this paper, I argue that digressions, which are extremely frequent in spoken texts, not only are not disruptive of coherence, but, in fact, in virtue of being determined by the principle of conversational relevance, play a salient role in the construction of coherence in face-to-face interactions.

### 1. INTRODUÇÃO

Esta reflexão tem por objetivo defender a posição de que as digressões, tão freqüentes no texto falado, não tornam o texto incoerente, mas, por serem determinadas pelo **princípio da relevância conversacional**, desempenham importante papel na própria construção da coerência na interação face-a-face.

Cabe, em primeiro lugar, proceder à conceituação dos termos em foco, tal como tem sido apresentada na literatura corrente sobre o assunto.

Iniciarei pelo conceito de **coerência**. Uma das postulações mais freqüentes é que constitui um dos requisitos básicos da coerência textual que todos os seus enunciados sejam relevantes para o tópico discursivo em andamento (cf. Reinhardt, 1980; Giora, 1985; van Dijk, 1983, entre outros); e que, se isto não ocorrer, ou todo o texto não é coerente, ou ocorrem as chamadas “digressões”; e, por fim, que estas só não prejudicarão a coerência se vierem explicitamente introduzidas (e, muitas vezes, também encerradas) por um marcador de parentetização característico (“bracketing device”), ou, em não o sendo, puderem ser facilmente detectadas como tais pelo interlocutor.

Este posicionamento decorre de duas convicções:

- a) a coerência é uma propriedade do texto: a propriedade de “hang together”;
- b) o tópico discursivo é algo estático, capaz de se manter o mesmo em toda a extensão do texto.

Foi exatamente isto que levou, por muito tempo, à afirmação – tomando-se como parâmetro a escrita – de que o texto conversacional é “maculado”, entre uma série de

---

<sup>1</sup> Texto da conferência proferida, à guisa de prova de aula, no concurso para provimento de cargo de Professor Titular na área de Análise do Discurso do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, realizado a 13 e 14 de dezembro de 1999.

outras “imperfeições”, pelas descontinuidades tópicas, ou seja, que, na interação face-a-face, são comuns as rupturas mais ou menos graves do tópico que está em curso, o que vem a prejudicar a coerência do texto falado.

**Tópico conversacional** - Faltam, ainda, na literatura conceituações uniformes de tópico conversacional, girando a maioria delas em torno da noção de “aboutness” (aquilo de que se fala). Em pesquisa sobre a organização tópica da conversação, a equipe responsável pelo estudo da organização textual-interativa do português falado, no bojo do Projeto “Gramática do Português Falado”, descreveu o tópico como porção textual que se caracteriza:

a) pela centração, dada pela relevância local de um tema ou conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si;

b) pela organicidade, manifestada pela natureza das articulações que um tópico tem com outros na seqüência discursiva, bem como pela relações hierárquicas entre tópicos mais ou menos abrangentes (Jubran et al., 1989).

c) pela delimitabilidade, quer através de marcas formais de vários tipos, quer pela centração acima mencionada.

Segundo Schutz (1970), merece ser elevado a tópico “algo que é interpretado como problemático no campo não estruturado da familiaridade” (daí a distinção que o autor faz entre tema e horizonte). Uma mudança na definição da situação de interlocução para algum dos participantes pode levá-lo a um desvio do tópico, o que pode resultar em *abandono* ou à volta ao tópico anterior, configurando, neste caso, a *digressão*. A mudança na definição da situação no interior de uma interação é um processo emergente e dinâmico.

**Digressão** – as digressões têm sido definidas como segmentos não relacionados topicamente com os materiais precedentes ou subseqüentes, que estão, estes sim, relacionados entre si; isto é, na digressão, o tópico em curso é provisoriamente abandonado e um novo tópico é introduzido, sendo, a seguir, por sua vez abandonado e substituído novamente pelo tópico anterior (esquema a/b/a). Tratar-se-ia, assim, de casos de descontinuidade tópica.

Dascal & Katriel (1979) mostram que a hipótese subjacente às diversas abordagens da digressão é que uma seqüência conversacional é percebida e julgada como coerente quando cada um de seus enunciados é semanticamente, topicamente, pragmaticamente ou condicionalmente relevante para o enunciado imediatamente precedente ou subseqüente. E a hipótese complementar a essa é que, não ocorrendo tal relação de relevância, a conversação será sentida e julgada como incoerente pelos interlocutores.

Dascal & Katriel rebelam-se contra essa hipótese complementar, já que conversações em que ocorrem digressões de vários tipos são experienciadas pelos parceiros como eventos coerentes e não como “pastiches” verbais. Defendem a posição – que é também a minha - de que as digressões permeiam toda e qualquer conversação, exercendo papéis definidos tanto na sua regulamentação como na sua sustentação, e assim contribuem para ela de modo substantivo, sendo, pois, extremamente importantes do ponto de vista interacional.

**Relevância** – A questão da relevância está ligada à Maxima de Relação, uma das quatro máximas conversacionais propostas por GRICE (1975). Conforme o próprio autor:

*“Sob a categoria da relação, coloco uma única máxima, a saber, ‘seja relevante’. Embora a máxima em si seja muito concisa, sua formulação oculta vários problemas que me preocupam muito: questões a propósito de que tipos de foco de relevância podem existir, como se modificam no curso da conversação, como são legitimamente mudados, e assim por diante. Considero o tratamento de tais questões excessivamente difícil e espero retornar a elas em um trabalho posterior” (p.87).*

Mais adiante, Grice esclarece:

*“Relação – Espero que a contribuição seja apropriada às necessidades imediatas de cada estágio da transação; se estou mexendo um bolo, não espero que me seja alcançado um bom livro ou mesmo uma forma (embora esta possa ser uma contribuição apropriada num estágio posterior)” (p.89).*

Todavia, o autor - ao menos que eu saiba - não volta às instigantes questões que havia relegado para trabalho posterior.

## 2. OS DIVERSOS TIPOS DE DIGRESSÃO

Uma digressão implica, pois, a substituição do conjunto de relevâncias tópicas (referentes, espaço, tempo, relações temáticas etc.), em foco em dado ponto da mensagem, por outro conjunto diferente. No entanto - e aí está a característica principal da digressão - o tópico anterior e o conjunto de relevâncias a ele atrelado é apenas sustado, isto é, colocado à margem do campo de consciência, enquanto outro tópico, com seu conjunto próprio de relevâncias assume a posição focal. Isto é, o primeiro, com todo o seu conjunto de relevâncias, fica suspenso, latente (no ‘horizonte’), permanecendo, pois, marginalmente relevante, para depois retornar à posição focal. Daí a existência na língua dos mecanismos de “parentetização”. Trata-se de marcadores do tipo: *por falar nisso, abrindo um parêntese, antes que eu me esqueça, desculpe interromper mas..., mudando um pouco de assunto etc.; fechando o parêntese, voltando ao assunto, retomando o fio da meada, voltando ao que eu vinha dizendo etc.*, costumeiramente usados para introduzir ou encerrar uma digressão.

DASCAL & KATRIEL postulam a existência de três tipos de digressão: a) baseadas no enunciado; b) seqüências inseridas; c) baseadas na interação.

No caso das *digressões baseadas no enunciado*, haveria alguma relação - de tipo semântico, associativo ou pragmático - entre o enunciado principal e o(s) digressivo(s):

a) de tipo semântico, porque cada item lexical de um enunciado tem atrelado a si um conjunto próprio de relevâncias e o locutor pode fazer recair o conteúdo de seu

enunciado sobre qualquer uma delas, ainda que, naquele contexto, não se trate de uma relevância focal. Por exemplo: A diz a B que ouviu notícias no rádio de que estaria chovendo torrencialmente no Sul. B responde: - Agora me lembro que esqueci meu guarda-chuva na casa de minha sogra. Mas... será que a chuva provocou muitas inundações em Porto Alegre?

b) de tipo associativo, já que é sempre possível estabelecer relações paradigmáticas de qualquer espécie com elementos evocáveis a partir de um item lexical, uma construção ou mesmo todo o enunciado. Exemplo: A e B estão preparando o almoço. A pede a B: - Por favor, pegue o cheiro verde na geladeira. B responde: - Verde é a cor dos seus olhos, é a cor da esperança, meu bem. Acho que você está precisando ir ao oculista. Não está vendo o maço de cheiro verde aí na pia?

c) de tipo pragmático, visto que muitas vezes a digressão relaciona-se a uma implicatura do enunciado e não ao conteúdo nele explícito. Eis um exemplo:

A: Onde está o jornal? B: Você perdeu seus óculos? A: Por falar nisso, você leu o artigo sobre miopia que deixei sobre a sua escrivaninha?

Neste exemplo, a digressão de A é baseada na implicatura (“Você está com problemas de visão”) do enunciado de B.

Vejam-se, também, os seguintes exemplos, extraídos do corpus do Projeto NURC/BR:

(1) L1 é porque de noite... está vazia bem vazia não tem trânsito (mas) ... é concreto com rua ... asfalto ... acabou né?... Lins por exemplo não é assim né? você tem um aspecto de:... de acho que parece bairro a cidade né? não tem movimento... éh:: chega seis sete horas

L2 [ mas que

L1 todo mundo na rua .. ah não sei... deve ter uns:::...

L2 tamanho quantos habitantes tem lá?

L1 cinqüenta cem mil...

L2 éh São Paulo acho assim uma vez o Frank sabe aquele que... é arquiteto?

— L1 uhn...

L2 ele estava falando que a topografia da cidade é muito bonita ... e eu inclusive gosto né? cheio de ... montes e:: né? colinas tal mas que é muito mal aproveitado bom (aí você vai entrar na na) área verde... que quase não tem e tal

L1 isso é bem cidade grande né? (NURC/SP - D2 343: 56—73)

(2) Doc. E::algum filme especial que tu gostaste muito?

Inf. Olha... ultimamen::te eu não tinha não não tinha ido ao cinema mas eu assisti aquele *Essa pequena é uma parada* apesar de ser chanchada mas completamente uma chanchada mesmo eu me diverti muito gostei mesmo inclusive cheguei em casa falando pro pai e pra mãe dois dias depois eles foram assistir ...porque eu quando eu rio muito eu começo a chorar entende de rir e meu pai é a mesma coisa então eu digo vocês vão assistir porque vocês vão gostar apesar da gente estar sabendo... que certas situações são IMpossíveis de

acontecer... mas aconteceram no FILme (está mas é) de rir e a gente sai alegre do filme eu gostei bastante (NURC/POA - DID121:593-608)

Dascal & Katriel reconhecem, porém, que nem sempre é fácil distinguir, no conjunto de relevâncias tópicas, as principais e as marginais, visto que se trata apenas de uma questão de grau, isto é, há relevâncias mais centrais que outras. Daí a dificuldade de distinguir as digressões daquilo que denominam “quase-digressões”. Nestas, ocorre um deslocamento em direção a relevâncias não-centrais dentro do mesmo tópico: há enunciados que, embora relevantes para o tópico em desenvolvimento, soam como ligeiramente digressivos. É o que ocorre com exemplificações, justificativas, generalizações, explicações, certos tipos de comparação ou analogia, etc., que, não sendo necessários para o desenvolvimento do tópico, constituem expansões deste: estão, de alguma forma, relacionados com o tópico principal, mas não como parte legítima de seu desenvolvimento temático, podendo vir a tornar-se verdadeiras digressões se o parceiro as tomar como tema e elaborar sobre elas. Pode-se dizer que são casos de *relevância intrínseca ampliada* (“extended intrinsic relevance”). Observem-se os exemplos (3) e (4):

- (3) L1 então a minha de onze anos ... ela supervisiona o trabalho dos cinco ...  
então ela vê se as gavetas estão em orde/ ... em ordem se o :: material  
escolar já foi re/arrumado para o dia seguinte ... se nenhum::

[  
L2 é

L1 fez ... arte demais no banheiro ... porque às vezes estão tomando banho e ficam jogando água pela janela quer dizer essa ... é supervisora nata é assim ... ah... toma conta... precocemente não? das:: atividades dos irmãos (NURC/SP - D2 360: 192-200)

- (4) L2 ... tem que levantar tem que vestir os dois ...

L1 são pequeninos né?

[  
L2 e tenho que me vestir ... porque ambos são pequenos... então eles não aceitam muito a pajem né para éh... aliás não é pajem pajem é pajem e arrumadeira mas

L1 ( )

L2 quer dizer não é só não vive só em função deles mas de manhã ... a única função dela é me ajudar com eles ... mas eles não aceitam o menino porque quer fazer tudo sozinho... no que eu procuro deixar ... e a menina porque quer que seja a mamãe que faça né? Então sou eu que tenho que ir fazer etcetera etcetera... (NURC/SP - D2.360: 300-311)

A estas digressões, Bublitz (1988), que distingue dois tipos principais de digressão, denomina *digressões asseguradoras da compreensão* (“comprehension-securing digressions”), afirmando que, neste caso, o locutor opta pela inserção de um segmento porque o conhecimento desse novo tópico é pré-requisito para o assessoramento ou a compreensão correta do tópico em curso e para elaborações posteriores.

As *seqüências inseridas*, por sua vez, são seqüências corretivas ou clarificadoras (“side sequences”, segundo Jefferson, 1979), provocadas pelo ouvinte, isto é, constituem resposta a um questionamento sobre um enunciado anterior não compreendido ou não aceito integralmente pelo interlocutor ou sobre o qual este deseja obter informações mais detalhadas. Também neste caso pode-se falar de graus de digressividade. Realizam, geralmente, uma função metalingüística ou metaconversacional. Predomina aqui o princípio da relevância condicional sobre o princípio da relevância tópica: no caso dos pares adjacentes, do tipo pergunta- resposta, pedido-aceitação ou recusa, convite-aceitação ou recusa, cumprimento-cumprimento, impera o princípio da relevância condicional. Ou seja, a produção de um dos membros do par, por um dos interlocutores, condiciona, como relevante nesse momento, ao produção do outro membro. Embora se trate de um princípio e não de uma regra, seu não cumprimento pode acarretar sanções sociais. Bublitz inclui também esse tipo de digressão entre as digressões asseguradoras da compreensão, neste caso, iniciadas pelo interlocutor (heterocondicionadas), como se pode verificar nos exemplos (5) e (6):

- (5) L1 ... ele gosta REalmente ele é vivo... bastante... mas é leVAdo demais sabe?... ele fica duas horas  
 [
   
 L2 bem normal um menino bem normal né?
  
 L1 bem normal graças a Deus não é nenhum:: geniozinho assim... quieto... ele::... passa horas... lendo... mas ele saiu dali toda a energia que ele acumulou ali naquele periodozinho que el/em que ele leu... que:: geralmente não é pequeno esse período... ele sai ele...(NURC/SP - D2 360:1467-1475)
- (6) L2 e agora o menino quer judô...  
 L1 ele é menor?  
 L2 ele é menor ele tem cinco anos... e além da natação ele quer judô também agora... (NURC/SP - D2 360: 110-113)

Já nas *digressões baseadas na interação*, o segmento inserido não mantém qualquer relação com o tópico em curso: elas constituem resposta a alguma alteração imposta de fora à situação comunicativa (ruídos, chegada de outras pessoas, mudanças de tempo, isto é, elementos distrativos de qualquer espécie). Constituem o segundo tipo da classificação de Bublitz - as *digressões espontâneas*, dependentes da situação. Embora, do ponto de vista da continuidade tópica se apresentem como rupturas e, do ponto de vista informativo, como redundantes, elas não são disfuncionais para o fluxo geral da conversação, sendo experienciadas pelos parceiros como eventos coerentes. Elas funcionam numa dimensão diferente: visam a incorporar à conversação elementos externos que poderiam constituir ameaça ao envolvimento dos parceiros. São, geralmente, introduzidas pelo locutor, para garantir o decurso normal da conversação pela reafirmação da disponibilidade dos interactantes. É a dimensão social, consensual, implícita da interação que está em jogo: ao mencionarem explicitamente aquilo que implicitamente ameaça a interação, os interlocutores constituem tal ameaça em elemento negociável na transação conversacional. Atente-se para o exemplo (7):

- (7) L1 a Laura não se definiu tenho impressão  
 [
   
 L2 ( )
   
 L1 de que ela vai ser PROMotora...
   
 L2 ah
   
 L1 que ela vive acusando é aquela
   
 L2 [é aquela
   
 L1 toma conta do pessoal ((risos)) oh... agora ah:: nossa... foi além do que eu... imaginava...
  
 Doc. não::
  
 L1 o horário
  
 Doc. pode falar à vonta::de
  
 L1 ma/
  
 [
   
 Doc. nós não temos horário
  
 L1 não por causa das crianças na escola((risos)) agora a Estela vive dançando... ela quer ser bailarina... (NURC/SP D2 360: 1373-1388)

### 3. DISCUSSÃO

Os exemplos aqui apresentados permitem verificar que as digressões não perturbam a coerência da conversação. E mais: elas, na verdade, ajudam a construí-la. As “quase-digressões”, como vimos, ao introduzirem exemplos, explicações, generalizações, especificações etc., têm a função cognitivo-interativa de auxiliar o interlocutor a compreender os enunciados do parceiro; as seqüências inseridas intercalam-se entre dois segmentos tópicos para permitir a correção ou o esclarecimento de pontos relevantes para a construção do sentido; as digressões baseadas na interação visam a impedir que fatores externos venham a perturbar o desenrolar normal da conversação, ou mesmo causar a sua interrupção e, para tanto, incorporam ao texto conversacional referências a tais fatores. Finalmente, as digressões baseadas no enunciado produzem um deslocamento tópico, introduzindo um novo conjunto de relevâncias, o que não impede, porém, que o conjunto de relevâncias atreladas ao tópico anterior (que foi, temporariamente, colocado entre parênteses) seja retomado a seguir.

JUBRAN et al. (1989) postulam, como vimos, que a organização tópica se dá em dois níveis interligados: o linear (horizontal) e o hierárquico (vertical), mostrando que, por vezes, segmentos que, no nível linear, são sentidos como digressivos, vêm a integrar-se, no nível vertical, em um quadro tópico hierarquicamente superior, dentro do qual deixam de ser digressivos, de modo que a coerência se reconstrói à medida que se sobe na hierarquia tópica: é justamente isso que ocorre, com freqüência, com as digressões baseadas no enunciado.

O tópico conversacional é algo extremamente dinâmico, que se vai alterando ou deslocando a cada intervenção dos parceiros. O conjunto de relevâncias em foco em dado momento vai, paulatinamente, cedendo lugar a outros conjuntos de relevâncias, ligadas a aspectos antes marginais do tópico em desenvolvimento ou a novos conjuntos

de mencionáveis, que vão sendo introduzidos a partir dos já existentes, a cada redefinição da situação por parte de um dos interlocutores. Assim, ao final de uma conversação, os parceiros, em geral, estão bem distantes do tópico original. Sendo a conversação uma atividade de co-produção discursiva (MARCUSCHI, 1986), nunca se pode prever com exatidão em que sentido o parceiro vai orientar a sua intervenção. É por isso que Frank (1980) refere a existência de encadeamentos fortemente ou fracamente coerentes: a contribuição de um parceiro à conversação é fortemente coerente, quando seu aspecto significativo essencial se encadeia sobre o aspecto significativo central da contribuição anterior; e é fracamente coerente quando seu aspecto significativo central se relaciona a um aspecto não central da contribuição anterior ou vice-versa, produzindo a passagem de relevâncias tópicas centrais a relevâncias marginais.

Além disso, Brown & Yule (1983) levantam a questão: a máxima 'seja relevante' exige do locutor uma decisão: relevante para quê? A resposta mais comum tem sido: relevante em termos do quadro tópico em tela. Contudo, Brown & Yule distinguem entre falar sobre o tópico e falar topicamente. Um participante da conversação fala topicamente quando faz com que sua contribuição se ligue diretamente aos elementos mais recentemente incorporados ao quadro tópico, isto é, "cata" elementos da contribuição do falante que o precede e os incorpora ao seu discurso. Trata-se aqui de um traço comum da conversação casual, em que não há uma direção fixa que deve ser seguida. Nesses casos, a contribuição pode ser fracamente coerente e ser sentida, pelo analista, como digressiva.

Falar sobre o tópico, por sua vez, exige que os participantes concentrem sua fala em uma entidade, indivíduo ou questão particular. Por exemplo, se A diz: - "Ontem jantei no restaurante X" e B retruca: - "Eu ontem fui ao cinema", ele está 'falando topicamente'. Se, porém, B disser: - "Eu conheço, já estive lá. Mas não gostei da comida", ele estará 'falando sobre o tópico'. Contudo, é possível também que um dos interlocutores, embora passe a falar 'sobre o tópico', deixe de levar em consideração o que foi dito pelo falante anterior, ou seja, que sua fala não apresente qualquer conexão direta com o que veio antes. Tudo depende, segundo os autores, daquilo que cada locutor trata como elementos salientes no interior do quadro tópico em curso: um parceiro pode, muitas vezes, achar que aquilo de que vinha falando em seu turno anterior é mais relevante do que aquilo que o outro acaba de dizer e continue desenvolvendo suas idéias (a isso se tem chamado de *tópico do falante*), acontecendo o mesmo com seu interlocutor, o que dá origem a 'falas paralelas', conforme se pode verificar no exemplo (8). Pode-se, nesses casos, falar em digressão? Mas, mesmo sem volta ao tópico, os parceiros não sentem a interação como incoerente:

- (8) L2 agora mesmo você viu a semana passada na frente da Igreja de São Bento no pátio de São Bento a festa das sinha [zinhas  
L1 [é...ô é ô:  
L2 Olinda combate  
L1 Hemingway dizia que as duas grandes tragédias americanas do século haviam sido Pearl Harbour e Pearl Buck... é... a grande tragédia pernambucana é olindense apaixonado ((riu))

L2 nada e quem não é apaixonado por Olinda? Pra ser apaixonado por Olinda não precisa ser olindense

L1 ((rindo)) é a grande [ tragédia pernambucana

L2 [basta beber água em Olinda

L1 é a grande tragédia

L2 eu sou apaixonado por Olinda

L1 é a grande tragédia pernambucana não tenha dúvida (NURC/REC D2 05: 1349-1364)

Para Sperber & Wilson (1986), uma proposição é relevante, em primeira instância, não somente em relação ao discurso, mas também ao contexto, ou seja, a um conjunto de proposições ou hipóteses derivadas não apenas do discurso anterior, mas também da memória, da percepção do entorno, por intermédio de inferências. Assim, a informação é relevante para alguém quando tem *efeitos contextuais* em dado contexto que lhe é acessível. Blas (199-), que segue a orientação teórica de Sperber & Willson, apresenta exemplos de contribuições relevantes que, do ponto de vista estritamente lingüístico, poderiam ser consideradas digressivas ou inadequadas, do tipo:

(9) A: - Você machucou o dedo/

B: - Hoje tivemos cenoura ralada no jantar.

(10) A: - Pedro vai a alguma festa elegante?

B: - Ele está usando sapatos de verniz pretos.

Para Schutz, como vimos, a topicalidade é função da “problematicidade”, no sentido de saliência relativamente a determinado *background*. Cada tópico carrega, pois, consigo um conjunto de relevâncias tópicas, as quais, ainda que de modo bem amplo, definem o conjunto de soluções possíveis ao problema que ele coloca. Uma contribuição que pertence a tal conjunto, isto é, que satisfaz as condições de relevância tópica é sentida como seqüenciadora do mesmo ‘tópico’.

Pode-se verificar, pelo exposto, que aquilo que Dascal & Katriel chamam de digressões baseadas no enunciado (e, também, as quase-digressões, já que, conforme vimos, o limite entre ambas não é muito fácil de estabelecer) não seriam, na verdade, segmentos digressivos, mas sim deslocamentos naturais e, muitas vezes, necessários, do tópico da conversação.

As seqüências inseridas, por seu turno, concernem ao estabelecimento do consenso quanto ao conteúdo da interação. Elas nem chegam mesmo a alterar o andamento do tópico em curso, já que visam justamente a clarificar ou corrigir algo que, do contrário, poderia prejudicar a intercompreensão, fazendo, pois, com que a conversação progrida do modo desejado. (Daí a possibilidade mesmo de encaixes múltiplos, como evidencia Marcuschi, 1986).

Finalmente, as digressões baseadas na interação servem, como bem mostram Dascal & Katriel, para incorporar ao enunciado o material externo responsável por distúrbios que poderiam prejudicar a própria continuidade da interação. Neste sentido, seu principal objetivo é impedir que a conversação seja interrompida e garantir que o tópico em curso continue a ser desenvolvido.

Também aqui, Dascal & Katriel procedem a uma reflexão interessante. Em primeiro lugar, é realmente possível afirmar que essas digressões são *externamente* motivadas? Por exemplo, que dizer de digressões em que o falante faz um comentário sobre sua dor de cabeça ou de dente, ou se lembra, de repente, de um assunto sem qualquer relação com o que foi dito anteriormente pelo interlocutor? Elas podem ser consideradas externas? Externas a quê? E o que há de comum entre elas, que permite que sejam classificadas sob um mesmo rótulo? Mais ainda: como dar conta de alguns desses elementos distrativos originam digressões e outros não, isto é, porque se responde a algumas redefinições da situação e outras não são levadas em conta? Por exemplo, como saber o quanto de ruído, de chuva, de dor etc. são necessários para levar os parceiros a produzirem uma digressão? E, por outro lado, até que ponto o fato de não tomarem conhecimento do possível fator distrativo poderia dar margem a uma implicatura sobre seu envolvimento na conversação? Trata-se, evidentemente, também aqui, de uma questão de grau: se alguns pingos de chuva, um pequeno ruído, um ligeira dor de cabeça podem ser ignorados, terão de ser incorporados à conversação, através das digressões, aqueles que são interpretados como uma ameaça à própria interação, por constituírem uma ameaça ao envolvimento dos interlocutores.

#### 4. CONCLUSÃO

Um aspecto importante a ser ressaltado, a partir do que aqui foi exposto, é que os três tipos de digressão envolvem mudanças no conjunto de relevâncias em foco: as digressões baseadas no enunciado substituem relevâncias tópicas conversacionais por relevâncias lingüisticamente baseadas, disponíveis, porém marginais (horizonte); as seqüências inseridas substituem as relevâncias em curso por outras, metalingüísticas; e as baseadas na interação substituem relevâncias tópicas conversacionais por outras, não-conversacionais, que se tornam motivadas para pelo menos um dos participantes da conversação.

Tudo o que foi dito acima tem-me levado a questionar as duas convicções mencionadas no início desta exposição, responsáveis pela maneira como, até recentemente tem sido caracterizadas as digressões, que aqui repito, para maior clareza da exposição: a) a coerência é uma propriedade do texto: a propriedade de “hang together”; b) o tópico discursivo é algo estático, capaz de se manter o mesmo em toda a extensão do texto.

Primeiro: na conversação espontânea, o tópico é algo dinâmico, em constante mutação, resultante de deslocamentos, operados pelos parceiros, de relevâncias “centrais” para relevâncias “marginais” ou de determinados conjuntos de relevâncias para outros, em decorrência de mudanças na definição da situação, que acarretam a introdução de novos conjuntos de mencionáveis na conversação, a partir de outro já existentes, ou derivadas de qualquer tipo de associação ou de alguma implicatura do(s) enunciado(s) anterior(es).

Segundo: a coerência não está apenas no texto, mas resulta de uma construção dos parceiros na situação interativa, com base em uma série de fatores, textuais, cognitivos, interacionais.

É interesse dos parceiros em que a conversação flua que, muitas vezes, é responsável pela introdução de segmentos aparentemente “digressivos”, mas que são derivados do próprio modo como o tópico está sendo desenvolvido ou da situação interativa como tal e, portanto, incorporados ao texto pelos interlocutores para garantir-lhe a coerência, em virtude do princípio da relevância conversacional.

Gostaria de ir ainda um pouco mais além. Se é verdade que as digressões não só não prejudicam a coerência, mas, na verdade, contribuem para estabelecê-la, parece-me que, na realidade, nem mesmo caberia falar em digressão conversacional.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLASS, R. 1990. **Relevance relations in discourse**. Cambridge: Cambridge University Press.
- BROWN, G. & G. YULE. 1983. **Discourse Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press.
- BUBLITZ, W. 1988. **Supportive Fellow-Speakers and Cooperative Conversations**. Amsterdã: John Benjamins.
- DASCAL, M. & T. KATRIEL. 1979. “Digressions: a study in conversational coherence”. In: J.S.PETŐFI (ed.), **Text vs. Sentence**. Hamburgo: Buske, vol. 29: 76-95.
- FRANK, D. 1980. **Grammatik und Konversation**. Königstein: Scriptor.
- GIORA, R. 1985. “Notes towards a theory of text coherence”. **Poetics Today** 4:699-715.
- JEFFERSON, G. 1972. “Side Sequences”. IN: D. SUDNOW (ed.), **Studies in Social Interaction**. Nova Iorque: Collier, 294-338.
- JUBRAN, C.S.; KOCH, I.V.; URBANO, H.; FÁVERO, L.L; RISSO, M. 1993 . “Organização tópica da conversação”. In: ILARI, R. (org.), **Gramática do Português Falado**, vol. II: Os níveis de análise lingüística, Campinas: Edunicamp/Fapesp: 357- 479.
- KOCH, I.G.V. & L.C. TRAVAGLIA. 1989. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, L.A . 1986. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática.
- REINHARDT, T. 1980. “Conditions for text coherence”. **Poetics Today** 4: 161-180.
- SCHUTZ, A. 1970. **Reflections on the Problem of Relevance**. New Haven: Yale Univ. Press.
- SPERBER, D. & D. WILSON. 1986. **Relevance: communication and cognition**. Oxford: Blackwell.